

Vidas Anónimas e Gente Comum. Contributo para o percurso militar de alguns naturais do concelho de Palmela durante a Grande Guerra (1914-1918)

DIOGO FERREIRA ¹

Investigador integrado do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

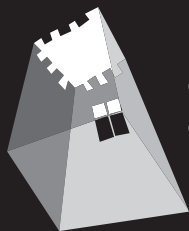
A história local é um dos ramos da historiografia mais profícuos na busca de uma ligação mais íntima e profunda à região onde nascemos ou residimos. De facto, tem como missão a recuperação e preservação da identidade coletiva das comunidades, evocando, ao mesmo tempo, memórias e estórias anónimas, desconhecidas e perdidas no limbo do inconsciente. Nesse sentido, a investigação científica em história local tem um papel absolutamente central na descoberta de vidas que, de alguma forma, marcaram o passado das localidades, ultrapassando a linha condicionadora e que se circunscreve às grandes personagens políticas, aos caciques económico-sociais ou aos beneméritos regionais. Este tipo de produção de conhecimento científico é, claramente, uma manifestação democratizante de como a História é de e para todos, procurando dar um rosto às massas. Do mesmo modo, é uma oportunidade extraordinária para que o historiador profissional tenha a possibilidade de partilhar e devolver o seu trabalho a quem realmente lhe pertence: à comunidade.

"For me, communicating in some form what I have learned is the reason to engage in local history research in the first place. (...) We learn things about a place to understand, to share, to tell others, to explain, and to answer questions that we, and others, have. Anything else, to my mind, would be a one-way conversation." ²

A história local permite, entre muitas outras potencialidades que lhe estão subjacentes, um envolvimento sentimental com o passado, consciencializando a população de que, em diversas ocasiões, as histórias dos seus pais, avós ou bisavós tiveram impacto e influência nos meios em que viviam. Este aspeto motiva a um redescobrir do interesse e gosto pela disciplina. Isto fica patente com a recolha de conteúdos informativos que descendentes deram para este trabalho.

¹ Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia com o projeto intitulado "Setúbal entre Guerras (1919-1945): Um itinerário de história local" (SFRH/BD/131519/2017), com financiamento compartilhado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

² KAMMEN, Carol, *On Doing Local History*, Rowman & Littlefield, New York, 2014, p. 117.



Este breve texto não tem como o objetivo descrever e explicar o percurso militar de todos os mais de 150 habitantes do atual concelho de Palmela que prestaram serviço durante a Grande Guerra, nas antigas colónias ou em França e na Flandres, mas antes apresentar alguns casos que merecem uma particular ênfase por diferentes razões. É dessa forma que, seguindo os trabalhos de Nuno Neto Monteiro^{3/4}, se pretende, no quadro da evocação do centenário do conflito, retratar e reconstruir alguns traços da presença militar palmelense. Este artigo terá, por fim, - e em face da já serem conhecidos os mortos e soldados louvados do concelho -, exemplos locais de insubordinação militar como resposta às difíceis condições de vida dos soldados portugueses entre 1917 e 1918. Simultaneamente apresenta-se a lista dos presos dos naturais do concelho em campos de prisioneiros alemães depois da batalha de La Lys.

Importa, em forma de parêntesis, salientar que esta investigação tem por base os boletins do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.), existentes no Arquivo Histórico-Militar, e os boletins de inscrição ou de sócio do Arquivo Histórico do Núcleo de Setúbal da Liga dos Combatentes. Além disso, foram consultados os contributos dos trabalhos de Nuno Neto Monteiro e a documentação recolhida pelo projeto “Uma Imagem, Mil Memórias” do Arquivo Municipal de Palmela.



José Teixeira de Faria (1895-?): De Olhos de Água para os hospitais militares de Ambleteuse⁵

Nascido em Olhos de Água a 11 de novembro de 1895, filho de José Teixeira de Faria e de Maria dos Santos Tostão, foi mobilizado para o C.E.P. como soldado-artífice nº 769 pelo 3.º batalhão do Regimento de Infantaria nº 11 (Setúbal). Era casado com Gertrudes Maria Josefa quando embarcou de Lisboa para França a 25 de julho de 1917. O seu boletim individual relata que foi colocado na secção de comboios-automóvel em 7 de novembro de 1917 e que baixou a diversas unidades hospitalares. Primeiramente, baixou à ambulância nº 6 (Dohen e Marthes) a 22 de dezembro de 1917, tendo alta depois do Natal no dia 28. Em seguida, baixou ao Hospital Base nº 1 (Ambleteuse) em 16 de agosto de 1918. Voltou a baixar, desta vez, ao Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa a 6 de novembro do mesmo ano, tendo apenas alta no final daquele mês.

José Teixeira de Faria regressou em definitivo ao nosso país a 6 de fevereiro de 1919, tendo recebido a medalha da Expedição a França.

Neste regresso à sociedade civil tornou-se carpinteiro e passou a residir em Setúbal onde foi pai de, pelo menos, dois filhos. Em 1935 tornou-se sócio da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O palmelense José Cândido (1893-1952): Do ferimento por gases no *raid* de 9 de março de 1918 à prisão na batalha de La Lys⁶

Nascido na freguesia de Marateca (Palmela) a 28 de janeiro de 1893, filho de António Severino e de Maria São Pedro, José Cândido foi mobilizado pelo Regimento de Infantaria (R.I.) nº 1 (Lisboa). Segundo a sua caderneta militar foi pronto da instrução de recruta a 28 de agosto de 1914, exatamente um mês depois do deflagrar do conflito, sendo licenciado no dia seguinte⁷. Incorporou o Corpo Expedicionário Português como soldado nº 555 da 2ª companhia do 1.º batalhão, tendo embarcado de Lisboa para Brest (França) a 27 de maio de 1917.

³ MONTEIRO, Nuno Neto, “Palmela na Grande Guerra: Os militares naturais do concelho de Palmela mortos em combate e os militares condecorados e louvados pela sua ação na Flandes, integrados no Corpo Expedicionário Português em 1917-1918” in *+Museu – Boletim do Museu Municipal de Palmela* nº 16, novembro de 2012-abril de 2013, Câmara Municipal de Palmela, 2013, pp. 18-23.

⁴ MONTEIRO, Nuno Neto, “Documentos em Destaque: Palmela na Grande Guerra de 1914-1918” in *Newsletter do Arquivo Municipal de Palmela*, Câmara Municipal de Palmela, nº 7, setembro de 2013, pp. 4-6.

⁵ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/27/23841. Arquivo Histórico do Núcleo de Setúbal da Liga dos Combatentes (AHNSLC), Dossier com Boletins de Sócios, Boletim de Inscrição nº 549 de José Teixeira Faria. A fotografia foi retirada do mesmo boletim.

⁶ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/63/59677. A fotografia foi retirada de: Arquivo Histórico do Núcleo de Setúbal da Liga dos Combatentes, Caixa nº 1, Livro de Registo de Alterações de Sócios nº 3, Entrada nº 495 – Sócio Combatente José Cândido.

⁷ Caderneta Militar de José Cândido cedida pelo neto José Manuel da Silva Machado.



Pelo meio consumou matrimónio com Desidéria Augusta a 26 de dezembro de 1915 ⁸, já depois de se ter voltado a apresentar à inspeção militar no R.I. 11 a 23 de maio do mesmo ano. O seu boletim individual do C.E.P. revela que baixou, em três ocasiões distintas, a unidades hospitalares entre dezembro de 1917 e janeiro de 1918, tendo, inclusive, sido evacuado para um hospital canadiano.

No âmbito do *raid* português às linhas alemãs, ocorrido a 9 de março de 1918 - cujos objetivos prendiam-se com a captura de material de guerra, com a destruição de equipamento alemão e com a morte e prisão de «inimigos» -, o palmelense José Cândido acabou gaseado. Tendo em vista que, no mês seguinte, já estava na linha da frente aquando da batalha de La Lys, a 9 de abril, depreende-se que estes ferimentos não tenham sido de grande gravidade. A verdade é que, tal como outros tantos portugueses, foi feito prisioneiro de guerra, em campo desconhecido, nesta data de má memória para a história militar nacional.

Já depois do armistício, assinado em 11 de novembro de 1918, regressou a Portugal através do navio britânico *North West Miller*, tendo partido da Holanda no início de janeiro de 1919. No regresso à vida civil voltou a exercer os seus trabalhos como proprietário rural em Palmela e foi sócio, durante pouco mais de uma década, da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Foi pai de 5 filhos (3 meninas e 2 rapazes). A última vez que se apresentou ao distrito de recrutamento foi a 24 de junho de 1934 no R.I. nº 11. Faleceu a 4 de dezembro de 1952 no hospital de Santo António dos Capuchos em Lisboa ⁹.

Teve um irmão que prestou serviço no C.E.P. Isidoro Cândido, também de Palmela, era solteiro quando foi mobilizado como soldado condutor da 4ª Companhia do Batalhão de Telegrafistas de Campanha, tendo partido para França a 14 de março de 1917 e regressado a 3 de abril de 1919. Do seu boletim consta, ainda, que baixou à ambulância nº 5, a 5 de dezembro de 1917, e que foi destacado, pelo menos em duas ocasiões, a conduzir gado ¹⁰.



Retrato de José Cândido (1893-1952)

Fonte: Coleção particular do neto
José Manuel da Silva Machado

⁸ Conservatório do Registo Civil de Setúbal, Certidão de Narrativa de Registo de Casamento de José Cândido e de Desidéria Augusta de 26.12.1915 cedida pelo neto José Manuel da Silva Machado.

⁹ Conservatório do Registo Civil de Lisboa, Registo de Óbito de José Cândido de 04.12.1952. Cedido pelo neto José Manuel da Silva Machado.

¹⁰ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/22/19434.

Isaías dos Santos (1893-?): Um palmelense entre os campos de batalha de Angola e da Flandres durante a Primeira Guerra Mundial ¹¹

Isaías dos Santos nasceu em Palmela, filho de José dos Santos e de Júlia Augusto, a 14 de novembro de 1893. Solteiro e trabalhador rural foi mobilizado para defender a antiga colónia de Angola, tendo embarcado para o território africano a 20 de janeiro de 1915. Prestou serviço militar até 16 de novembro do mesmo ano, data em que regressou ao país. Por este motivo recebeu a medalha relativa às operações efetuadas no Sul de Angola. Com a declaração de guerra do Império Alemão a Portugal, em março de 1916, foi mobilizado para o Corpo Expedicionário Português pelo Regimento de Artilharia nº 3, tornando-se no soldado-condutor nº 595 da 1ª bateria. Seguindo os conteúdos do seu boletim individual, embarcou para França a 21 de agosto de 1917, tendo baixado à ambulância nº 4, em Fauquembergues, a 14 de setembro do mesmo ano. Após ter gozado de uma breve licença, em fevereiro de 1919, foi repatriado, chegando a Lisboa no dia 19 de maio. Este regresso decorreu em conjunto com o 4.º Grupo de Baterias de Artilharia. Recebeu, também, a medalha de cobre da Expedição a França. Tornou-se no sócio nº 325 da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e residia na zona das escadinhas do rio da Figueira na mesma cidade.

Fernando Marcelino de Oliveira (1896-1939): Um palmelense na Marinha ¹²

Fernando Marcelino de Oliveira nasceu em Palmela a 31 de maio de 1896. Residia no 1.º andar do nº 61 da Rua Álvaro Castelões, em Setúbal, quando foi mobilizado como 1.º marinheiro para servir na armada portuguesa. Ao serviço na canhoneira *Beira* esteve na defesa contra submarinos alemães nos arquipélagos dos Açores e Cabo Verde. Além de se saber que foi sócio da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, foi possível apurar que Fernando Marcelino de Oliveira era *chauffeur*. Faleceu a 4 de janeiro de 1939.



Manuel Gomes Pratas (1895-?): De Cabanas para a frente de combate em Moçambique (1914-1919) ¹³

Nascido em Cabanas (Palmela) a 18 de junho de 1895, Manuel Gomes Pratas prestou serviço pelo Regimento de Cavalaria nº 3 (Estremoz), em Moçambique, de 30 de setembro de 1914 a 20 de maio de 1919. Este foi, certamente, um dos palmelenses com maior tempo de serviço militar prestado durante a Primeira Guerra Mundial. Esta unidade militar esteve presente em territórios estratégicos de grande relevância, nomeadamente no Rovuma. Foi apenas possível tomar conhecimento de que residia no Bairro Dias, em Setúbal, quando se tornou sócio da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra em julho de 1937. Esteve menos de um ano ligado à instituição.

¹¹ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/07/05952. AHNSLC, Dossier com Boletins de Sócios, Boletim de Inscrição nº 325 de Isaías dos Santos.

¹² AHNSLC, Caixa nº 1, Livro de Registo de Alterações de Sócios nº 2 (nº 187 a nº 382), Entrada nº 282 do Sócio Combatente Fernando Marcelino de Oliveira.

¹³ AHNSLC, Caixa nº 1, Livro de Registo de Alterações de Sócios nº 3, Entrada nº 573 do Sócio Combatente Manuel Gomes Pratas. A fotografia foi retirada do mesmo livro.



Manuel Tavanéz (1895-?): Um habitante da Quinta do Anjo inválido de guerra ¹⁴

Nascido na Carrasqueira (Quinta do Anjo) a 28 de novembro de 1895, filho de José Tavanéz e de Rosa dos Santos, foi mobilizado para o Corpo Expedicionário Português através do Regimento de Infantaria nº 11 (Setúbal), tendo integrado a 10ª companhia do 3.º batalhão como soldado nº 560. Partiu para França a 25 de julho de 1917 e, segundo o seu boletim individual, foi ferido por gases a 2 de janeiro de 1918, baixando ao Stationary Hospital nº 32, em Vimereux. Este militar acabou por ter que ser evacuado para outra unidade hospitalar, tendo mesmo sido considerado *“incapaz de todo o serviço”* na sessão de 2 de junho do mesmo ano. Nesse sentido, regressou a Portugal ainda antes do armistício, a 9 de setembro, desembarcando em Lisboa no dia 13.

Manuel Tavanéz foi condecorado com as medalhas da Vitória e da Expedição a França. Residente na região onde nasceu, era casado e tinha 4 filhos quando se tornou sócio da Agência de Setúbal da Liga dos Combatentes da Grande Guerra em 1944. Este ex-combatente é um exemplo paradigmático dos nefastos efeitos da presença no conflito, uma vez que os seus ferimentos o tornaram, oficialmente, *“inválido de guerra”*, conforme está presente no seu boletim de inscrição na instituição referida acima.



João Bernardino d'Almeida ¹⁵: Uma breve história de um Palmelense na Flandres

Filho de Manuel Joaquim d'Almeida e de Constantina Augusta, João Bernardino d'Almeida nasceu no concelho de Palmela e era casado com Constantina Augusta quando foi mobilizado para integrar o Corpo Expedicionário Português pelo Regimento de Infantaria nº 24 (Aveiro). Residente no concelho onde nasceu, partiu para França enquanto 1.º cabo-artífice. Do seu boletim do C.E.P. apenas consta, nas observações, que gozou de uma licença de campanha por 10 dias, a partir de 19 de fevereiro de 1919, a fim de regressar a Portugal no dia 22. Desembarcou em Lisboa no dia 28, tendo totalizado dois anos de serviço militar durante e após o conflito.

¹⁴ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/73/69872. AHNSLC, Dossier com Boletins de Sócios, Boletim de Inscrição nº 612 de Manuel Tavanéz. A fotografia foi retirada do mesmo boletim de inscrição.

¹⁵ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/13/11311. Fotografia retirada a partir do projeto *“Uma Imagem, Mil Memórias”*, iniciado em 2011, pelo Arquivo Municipal de Palmela. Esta imagem está datada de 5 de julho de 1917 e foi cedida por Ângela Camolas.



Francisco Ferreira Cardoso (1894-?): Um clarim de Palmela em França ¹⁶

Filho de Elentino Cardoso e de Henriques da Conceição, Francisco Ferreira Cardoso nasceu a 2 de abril de 1894 em S. Pedro de Palmela. Através da sua caderneta militar foi possível tomar conhecimento dos três momentos em que prestou serviço no Exército. Primeiramente, entre 14 de janeiro e 1 de março de 1915, esteve no Regimento de Artilharia nº 3. No Corpo Expedicionário Português foi o clarim nº 320 do 3.º Grupo de Artilharia nº 3, tendo embarcado de Lisboa para França a 20 de abril de 1917. Permaneceu ligado a este grupo até ao regresso definitivo a Portugal, a 19 de abril de 1919. Já em Portugal surge uma nota de que foi colocado no Regimento de Artilharia nº 1, como 2.º cabo clarim, desconhecendo-se o que sucedeu em seguida. Para além de ter recebido a medalha de cobre da Expedição a França (1917-1918), foi possível descortinar que gozou de licença por 25 dias, em 1916, *“por motivo de moléstia e tratamento nas enfermarias”* e, em 1919, por 90 dias.

Entre punições e desertores: A insubordinação em contexto militar

Num quadro em que as dificuldades no quotidiano dos militares portugueses do C.E.P. foram aumentando dia após dia, mês após mês, o descontentamento foi sendo demonstrado de diferentes formas,

nomeadamente através de insubordinações. Dos 43 militares naturais do concelho de Palmela em que se contabilizaram punições, os principais motivos foram os seguintes: atrasos na formatura; estar fora do quartel para além das horas estipuladas; jogar às cartas a dinheiro; ausência do serviço sem autorização; faltar à marcha; não cumprimento de ordens superiores; apresentação com falta de aseo ou com a farda em más condições; faltar ao trabalho de acantonamento; fingir doenças. Em baixo contam-se alguns episódios curiosos deste âmbito.

António da Cruz Simões - natural de S. Pedro de Palmela e clarim da 5ª bateria do 3.º Grupo de Artilharia nº 3. Foi punido a 4 de fevereiro de 1918, com 10 dias de detenção, *“por não ter soltado o cabelo (...) na formatura”* ¹⁷ e a 6 de março de 1918 por ter sido encontrado a jogar às cartas a dinheiro. Foi, ainda, punido a 17 de março do mesmo ano, com 5 dias de detenção, por ter faltado à formatura.

Alberto Escumalha - natural de Palmela e soldado do Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-Ferro. Foi punido a 4 de agosto de 1918, com 60 dias de prisão correccional *“por no dia 4 de julho, depois de entrar no seu boleto, convidar umas praças para jogarem às cartas a dinheiro e, como estas se recusaram, exigiu uma nota de 10 francos. Uma vez mais recusados, esfaqueou uma das praças”* ¹⁸.

Manuel Rodrigues da Costa - natural de Palmela e soldado mobilizado pelo R.I. 11 (Setúbal). Foi punido a 28 de maio de 1919 *“por, no período de 11 a 19 de outubro de 1918, deixar de comparecer às formaturas, alegando ter sido coagido a faltar pelas praças revoltadas e não ter tido licença como lhe tinham prometido”* ¹⁹.

Joaquim Ascenso Júnior - natural de Palmela e soldado mobilizado pelo R.I. 11 (Setúbal). Este ex-combatente foi punido em três ocasiões. Primeiro com prisão disciplinar, a 22 de agosto de 1917, por ter faltado à revista de armamento e por ter faltado ao 1.º e 2.º tempos de instrução do dia anterior. Voltou a ser punido, com 15 dias de detenção, a 16 de agosto de 1918 por ter faltado aos trabalhos de fortificação. Por fim, foi punido a 6 de março de 1919, com 10 dias de prisão disciplinar, *“por se encontrar embriagado e agredir sem motivo um camarada”* ²⁰.

¹⁶ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/07/06030. Fotografia e informações da Caderneta Militar retiradas a partir do projeto “Uma Imagem, Mil Memórias”, iniciado em 2011, pelo Arquivo Municipal de Palmela. Esta imagem está datada de 15 de agosto de 1917 e foi cedida, também, por Francisco Ferreira.

¹⁷ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/07/05830

¹⁸ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/59/55739

¹⁹ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/28/24551

²⁰ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/44/40930

O concelho de Palmela apenas contou com 2 casos de desertores: **Manuel Pedro** e **Manuel Fidalgo Cordeiro**. O primeiro nasceu na Marateca, filho de Manuel Pedro Pé Curto e de Teresa de Jesus. Foi mobilizado para o C.E.P. como soldado nº 523 no Quartel General Base e prestou serviço no Depósito de Material e no 1.º Grupo de Companhias de Saúde, embarcando para França a 26 de maio de 1917. Em 14 de agosto de 1918 teve direito a uma licença de campanha por 45 dias. Não mais voltaria. Foi considerado «ausente», por excesso de licença, a 1 de outubro e *“desertor por excesso de licença de campanha desde 10 de outubro de 1918”*²¹.

O segundo nasceu em Palmela, filho de Joaquim Costa Cordeiro e de Leonor Rita Cândido. Foi mobilizado para o C.E.P. pelo Regimento de Infantaria nº 1 (Lisboa) como soldado nº 718 da 1ª companhia do 1.º batalhão, partindo para França a 27 de maio de 1917. Poucos meses depois de ter tido alta do Hospital Canadano nº 3, por ter ficado *“ferido em desastre”*²², foi considerado «desertor» a 24 de março. Seria por pouco tempo. Regressou a 28 seguinte, menos de uma quinzena antes da batalha de La Lys. Neste combate foi feito prisioneiro no campo de Friedrichfeld. Voltou para Portugal através da Holanda no navio inglês *North West Miller* a 18 de janeiro de 1919.

Em jeito de conclusão resta sublinhar que no apêndice deste pequeno contributo para a história local de Palmela, surge a lista dos 21 naturais do concelho que foram feitos prisioneiros em campos alemães durante a batalha referida acima, a 9 de abril de 1918. Do mesmo modo, surgem os 4 militares que foram promovidos no C.E.P., complementando os louvores e condecorações apresentados nos trabalhos salientados inicialmente.

Tabela nº 1 – Lista dos presos naturais do concelho de Palmela em campos de prisioneiros alemães.

Nome	Data de Prisão/Libertação ou Regresso junto das tropas portuguesas	Campo de prisioneiros
Francisco José Casimiro	9-4-1918 / 28-12-1918	Campo desconhecido
Manuel Domingos Saramago	9-4-1918 / 12-1-1919 (proveniente da Holanda)	Friedrichsfeld
Manuel Freire de Matos	9-4-1918 / 18-1-1919 (proveniente da Holanda)	Campo desconhecido
João Branco Pagaim	9-4-1918 / 12-1-1919 (proveniente da Holanda)	Friedrichsfeld
António Costa	9-4-1918 / 12-1-1919	Friedrichsfeld
Humberto da Silva Cardoso	9-4-1918 / 21-11-1918 (data de presença junto dos militares portugueses)	Campo desconhecido
Manuel Marques Marçalo	9-4-1918 / 20-11-1918 (data de presença junto dos militares portugueses)	Campo desconhecido
António Maria Aldeia	9-4-1918 / 31-1-1919	Campo desconhecido
Ernesto Rodrigues	9-4-1918 / 31-1-1919	Dülmen
Narciso José Guilherme	9-4-1918 / 20-11-1918 (data de presença junto dos militares portugueses)	Campo desconhecido
Manuel Fidalgo Cordeiro	9-4-1918 / 17-12-1918 (proveniente da Holanda)	Friedrichsfeld
José Cândido	9-4-1918 / 17-12-1918 (proveniente da Holanda)	Campo desconhecido
Armindo Gomes Caniço	9-4-1918 / 17-12-1918 (proveniente da Holanda)	Campo desconhecido
Joaquim dos Cordeiros	9-4-1918 / 28-12-1919	Campo desconhecido
Manuel Eugénio Cardoso	9-4-1918 / 31-1-1919	Campo desconhecido
José Miguel	9-4-1919 / 28-12-1918	Campo desconhecido
Lourenço Cadimas	9-4-1918 / 28-12-1918	Campo desconhecido
José da Costa Alegria Júnior	9-4-1918 / 12-1-1919 (proveniente da Holanda)	Campo desconhecido
Casimiro Simões Gonçalves	9-4-1918 / 10-1-1919	Campo desconhecido
João de Oliveira Paulino	9-4-1918 / 5-2-1919	Münster II
Victor Batista Peixinho	9-4-1918 / 17-12-1918 (proveniente da Holanda)	Friedrichsfeld

²¹ Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/69/65853

²² Boletim do C.E.P. - PT/AHM/DIV/1/35A/2/63/59441

Tabela nº 2 – Lista dos militares naturais do concelho de Palmela que foram promovidos.

Nome	Naturalidade	C.E.P.	Promoção	Fonte
José Miguel	Palmela	Soldado nº 586 da 11ª companhia do 3.º batalhão mobilizado pelo R.I. 11 (Setúbal)	Promovido a 1.º cabo em 10/12/1917	Boletim do C.E.P. PT/AHM/DIV/1/35A/2/73/69722
Manuel Joaquim Cando	Palmela	Soldado nº 542 da 11ª companhia do 4.º batalhão	Promovido a 2.º cabo e a 1.º cabo em 1919.	Boletim do C.E.P. PT/AHM/DIV/1/35A/2/48/44576
Rodrigo Salvador Pereira	Quinta do Anjo	Soldado nº 346 da 12ª companhia do 3.º batalhão	Promovido a 2.º cabo em 13/06/1919	Boletim do C.E.P. PT/AHM/DIV/1/35A/2/30/26956
Sezirlau António Faria	S. Pedro de Palmela	1.º cabo nº 479 da 11ª companhia do 3.º batalhão mobilizado pelo R.I. nº 11 (Setúbal)	Promovido a 2.º sargento miliciano a 14/02/1918.	Boletim do C.E.P. PT/AHM/DIV/1/35A/2/30/26962

2018
ANO EUROPEU
DO PATRIMÓNIO
CULTURAL
European Year of Culture

CONFERÊNCIA EVOCATIVA DO FINAL DA GRANDE GUERRA

17 NOVEMBRO 2018 | 15H30 | AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA DE PALMELA

Os Combatentes de Palmela em França e o impacto económico-social da Grande Guerra no antigo concelho de Setúbal (1914-1918)

Orador: Diogo Ferreira
Doutorando - Instituto de História Contemporânea | Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Débarquement de Portugais à Brest (1917)
Fonte: Bibliothèque Nationale de France
Département Estampes et Photographie, EI-13 (536)
Agence Rol 48671 | Agence photographique

Município
Palmela

Cartaz da conferência realizada por Diogo Ferreira, em Palmela, no âmbito da Comemoração do final da Grande Guerra.